



BOLITA, BOLA DE GUDE OU BIROLA? UM ESTUDO SOBRE A ÁREA DIALETAL DO CAMPO SEMÂNTICO “BRINCADEIRAS INFANTIS” NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL.

Michele Campos Furlan (PG/UFMS)¹
Michele-furlan@hotmail.com

Taynã Araújo Naves (UFMS)²
Tayna.naves@ufms.br

RESUMO: O presente artigo visa a analisar a carta semântico-lexical *bolita*, extraída do projeto ALMS (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), a fim de se delimitar áreas dialetais. Para tanto, foi escolhida uma das cartas pertencentes ao campo semântico “brincadeiras infantis”, a qual será analisada por meio de uma correlação entre a diatopia, o léxico regional e fatores extralinguísticos, como a sócio-história local, a fim de se verificar a distribuição espacial do vocabulário registrado por meio de isoglossas. A opção pelas brincadeiras infantis foi pautada na importância que estas possuem na formação cultural e social das pessoas, o que estaria sendo representado pelo léxico, os quais revelam não somente questões linguísticas, mas também, questões culturais. A metodologia ancora-se nos pressupostos teóricos da dialetologia e da geolinguística. A rigor, os estudos sobre o léxico regional, com base em dados orais documentados *in loco*, fornecidos por falantes que vivem em uma determinada área, revela a forma como essa comunidade se relaciona com a cultura em que se insere, por meio das escolhas lexicais realizadas pelos falantes para nomear elementos que os circundam.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística; Dados Semântico-lexicais; Área Dialetal.

ABSTRACT: This article aims to analyze the semantic-lexical map of “*bolita*”, extracted from the ALMS (Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul), in order to delineate dialectal areas. Thus, it was chosen one of the maps belonging to the semantic field “childish games”, which will be analyzed by means of a correlation between diatopic differences, the regional lexicon and extralinguistics factors, such as the local social history, to verify the spatial distribution of the vocabulary in isoglosses. The option for “childish games” was based on the importance that they have on people’s cultural and social education, what has being represented by the lexicon, which reveals not only language but also cultural issues. The methodology is anchored in the theoretical assumptions of dialectology and geolinguistics. It is important to highlight that studies on the regional lexicon, based on oral documented data, provided by speakers who live in a certain area, reveals how this community relates to the culture in which it operates, through the lexical choices made by speakers in order to name elements that surround them.

KEYWORDS: Geolinguistics; Lexical-semantic data; Dialectal Area.

¹ Mestre. Doutoranda e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, Michele-furlan@hotmail.com.

² Professor assistente da UFMS/CPCX. Mestre. Doutorando e bolsista CAPES em ciências da Cognição e da Linguagem pelo Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Tayna.naves@ufms.br



1 Introdução

Por meio da língua, o homem interage com o outro fazendo com que esta seja, sobretudo, uma ação social. Ao mesmo tempo em que a utiliza, é seu agente modificador, pois, imprime marcas geradas pelas suas experiências. Essas experiências, apesar de particulares, são influenciadas por fatores sociais, históricos e econômicos, os quais, em conjunto, contribuem para constituição de uma determinada cultura, bem como, estabelecem uma norma linguística³. Essa cultura se refrata na língua. Para Brandão (1991, p. 5), “nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo”.

O léxico atualizado pelos habitantes de um determinado espaço geográfico representa o meio físico e social em que esse povo está inserido, evidenciando valores, crenças, etnicidade, economia, bem como, o próprio ambiente natural. Para Sapir (1929), o léxico da língua é que mais nitidamente projeta o ambiente físico e social dos falantes, podendo ser considerado como um complexo inventário de todas as ideias, interesses, ocupações, os quais constituem uma dada sociedade, ou seja, representa a “Realidade” de um povo. Assim, um estudo sobre o léxico regional, com base em dados orais documentados *in loco*, fornecidos por falantes que vivem em uma determinada área, revela a forma como essa comunidade se relaciona com a cultura em que se insere, por meio das escolhas lexicais realizadas pelos falantes para nomear elementos que os circundam.

Esses dados orais, que servem como *corpus* para os estudos dialetais, são coletados por meio da pesquisa geolinguística e estão documentados nos atlas linguísticos confeccionados a níveis locais, regionais, nacionais, inter(regionais) ou inter(nacionais), sendo classificados como atlas de pequeno, médio e grande domínio. Por meio da confecção de mapas, cartas linguísticas, é possível construir o falar de um determinado grupo, e esses atlas linguísticos, ao serem publicados, se tornam uma obra

³ Para o conceito de norma verificar COSERIU, E.; *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Rio: Presença/Edusp, 1979. Para Coseriu, norma linguística é um conjunto de elementos formais e constantes permitidos pelo sistema.

aberta aos mais diversos estudos dialetais. Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 20), “é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis”. Os trabalhos dialetais, feitos a partir da análise dos atlas, contribuem para que se conheça, de forma mais ampla e especializada, a diversidade linguística.

A pesquisa geolinguística tem, pois, como objetivo, registrar o falar de uma comunidade num recorte sincrônico, por meio de um atlas linguístico, cujos dados podem evidenciar possíveis mudanças em curso na língua. Além disso, intenta registrar os falares regionais com a preocupação de apontar como as influências externas à língua podem modificar e até mesmo interagir com os falares locais. (ISQUERDO E CUBA, 2010, P.261).

Sendo a língua o meio pelo qual uma dada comunidade de fala projeta sua cultura, é que o presente artigo objetiva analisar a carta semântico-lexical *bolita*, extraída do projeto ALMS (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), a fim de se delimitar áreas dialetais. Para tanto, foi escolhida uma das cartas pertencentes ao campo semântico “brincadeiras infantis”. Essa carta será analisada visando a fazer uma correlação entre a diatopia, o léxico regional e fatores extralinguísticos, como a sócio-história local, a fim de se verificar a distribuição espacial do vocabulário registrado por meio de isoglossas, ou seja, “as linhas virtuais que marcam as fronteiras entre duas regiões as quais se diferem no que diz respeito a alguma realização linguística (por exemplo, um item lexical, ou a pronúncia de um determinado fonema)⁴.”(CHAMBERS E TRUDGILL, 1998, p.89).

2 Os Atlas Linguísticos e o Projeto ALMS (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul).

O interesse pela evolução histórica das formas linguísticas, ou seja, a mudança que ocorre nas línguas, fez com que se desenvolvesse um método de investigação científica para os estudos dialetais: a geografia linguística, a qual teve, como marco inicial, o *Atlas Linguístico da França - ALF*. A partir daí, o método se modernizou e passou a considerar diversos fatores sociais, mas sem nunca deixar de ser importante

⁴ Tradução nossa.

inventário de formas linguísticas, uma vez que proporciona uma visão dinâmica de cada fato descrito oferecendo aos estudiosos valiosos materiais para ser esmiuçado, analisado, estudado.

De acordo com Brandão (1991, p. 25), pode-se definir atlas linguístico como, “um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico.” Mas, os estudos geolinguísticos contemporâneos evoluíram, assim como a teoria linguística, e hoje, pode-se dizer que além de registrar traços fonéticos, lexicais e morfossintáticos, registram-se também traços semânticos, prosódicos e pragmático-discursivos. Além disso, fatores extralinguísticos passam a ser considerados como importantes fontes para o “verdadeiro” conhecimento da realidade de uma língua, fazendo com que a geografia linguística se apresente, na atualidade como multifacetada, pluridimensional⁵.

Dessa forma, conforme Cardoso (1998, p. 1),

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialetologia não pode deixar de passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários da língua considerada, tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Como apontado por Cardoso, os estudos dialetais da atualidade percebem que, para melhor descrever uma língua é necessário conciliar a diferença diatópica, que sempre serviu de base para a confecção dos mapas, com as diferenças diastráticas e diafásicas, e ainda, somadas a essas, deve-se considerar também variantes como gênero e faixa etária, e dessa forma, os atlas passam a ser pluridimensionais, pois, contemplam

⁵ Para maiores informações verificar THUN, H.; *La geolingüística como linguística variacional general*, 1998. No interior do sistema língua destacam-se tipos fundamentais de diferenças: diatópicas (de espaço geográfico), diastráticas (de estratos socioculturais) e diafásicas (de tipos de modalidades expressivas, de estilos distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala), assim como podem aparecer também diferenças diageracionais (de faixa etária) e diagenéricas (de gênero).



todos esses aspectos em suas cartas, e proporcionam uma visão mais ampla e geral do falar da região estudada.

No Brasil, os estudos dialetais podem ser divididos em três fases (FERREIRA e CARDOSO, 1994). A primeira fase vai de 1826 a 1920 e caracteriza-se pela produção de trabalhos voltados para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil, o que resultou em numerosos dicionários e vocabulários regionais. A segunda fase inicia-se com a publicação de *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920 e vai até 1952. Caracteriza-se pela predominância de trabalhos voltados para os estudos gramaticais, mas, ainda se produziam numerosos trabalhos lexicais. A terceira fase compreende de 1952 até os dias atuais. Caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituídos de forma sistemática e marca o início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos da Geografia Linguística no Brasil. Manifesta-se a intensão de elaborar um Atlas Linguístico do Brasil e tem como marco a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos- APFB*, de organização de Nelson Rossi, em 1963. Após a publicação do APFB, outros atlas linguísticos regionais foram confeccionados e de acordo com Aguilera (2006, p. 216), tem-se hoje, no Brasil, aproximadamente vinte atlas linguísticos regionais, entre publicados e em fase de execução, e um Atlas Linguístico do Brasil, *ALIB*, que acaba de ser publicado. Corroborando com essa afirmação, Romano (2013, p. 204), afirma que “de 2006 a 2013, muito foi realizado, sobretudo, no que se refere à elaboração de *atlas linguísticos de pequenos domínios*”, uma consequência da confecção do *ALIB*, que teria incentivado a confecção de atlas menores e que inaugura o que o referido autor chama de segunda fase dos estudos geolinguísticos.

Dentre os Atlas linguísticos regionais confeccionados no Brasil, destacaremos o *Atlas Linguístico do Estado do Mato Grosso do Sul- ALMS*, o qual será o objeto de nosso estudo e de onde retiraremos o *Corpus* a ser analisado.

O projeto do *ALMS*⁶ teve origem com a professora Albana Xavier Nogueira (UNIDERP) e com colaboração da professora Maria José Toledo Gomes (UEMS). Com a aposentadoria da professora Albana, o Atlas passou a ser organizado pelo professor

⁶ *ALMS- Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Ed. UFMS: Campo Grande, 2007.



Dercir Pedro de Oliveira (UFMS) com colaboração dos professores: Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Ana Maria Pinto Pires de Oliveira (UFMS), Maria Leda Pinto (UFMS) e Vitória Regina Spanghero (UFMS), tendo sua sede no campus da UFMS da cidade de Três Lagoas. Contou ainda com o auxílio de alunos da graduação e da pós-graduação, os quais se dividiram entre inquiridores e transcritores.

O ALMS se justificou por pelo menos três razões: i) as migrações de mineiros, paulistas, goianos, paranaenses, gaúchos, pernambucanos, baianos e alagoanos, que vieram para o estado em busca de oportunidades, na época de sua povoação. ii) os nativos, ou seja, a população indígena originária do estado, que é a segunda população indígena do país, com mais de 50.000 pessoas. iii) as regiões fronteiriças, Paraguai e Bolívia, com fortes laços comerciais (ALMS- Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, 2007, p. 14). Esses três fatores acabam por influenciar diretamente o falar do estado, constituindo sua expressão linguística e que foi fotografada pelo Atlas em questão.

O projeto teve por objetivo conhecer as características da modalidade falada em Mato Grosso do Sul; oferecer aos estudiosos da língua portuguesa e pesquisadores de áreas afins contribuições para o ensino da língua portuguesa; sistematizar dados para futuras descrições nas diversas áreas do conhecimento; e elaborar o atlas linguístico de Mato Grosso do Sul.

Oliveira (2006, p. 174), descreve os procedimentos metodológicos empregados: uma rede de pontos com 32 localidades no estado distribuídas por cinco setores cujos municípios principais são: Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados. Em cada localidade foram selecionados quatro informantes estratificados por sexo (masculino e feminino), com grau de escolaridade de ensino Fundamental I e nascidos no município ou que moravam nele desde os oito anos de idade. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas diretas e indiretas, mediante um questionário único de 557 perguntas, divididas entre fonéticas e lexicais, que contemplavam os seguintes campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, tempo, flora, fauna, corpo humano, doenças comuns, funções do corpo humano, características físicas, ciclos da vida, religião e crenças, vestuário e objetos de uso pessoal, brinquedos e diversões, sistemas de pesos e medidas e superstições, simpatias e lendas. Essas



entrevistas foram gravadas *in loco* e a transcrição seguiu as normas do projeto NURC-SP (Projeto da Norma Urbana Regional Culta) utilizando-se do programa computacional SPDGL (Sistemas de Processamento de Dados Geolinguísticos), para a confecção das cartas geográficas.

O volume publicado é composto por 207 cartas linguísticas, sendo 47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

3 A área Geográfica Pesquisada

Mato Grosso do Sul⁷ é uma das vinte e sete unidades federativas do Brasil. Localiza-se no sul da região centro-oeste e limita-se com cinco estados brasileiros: Mato Grosso ao norte, Goiás e Minas Gerais ao Nordeste, São Paulo a leste e Paraná a sudoeste, além de dois países sul-americanos: Paraguai ao sul e sudeste e Bolívia a oeste.

É o sexto Estado brasileiro em extensão territorial, possuindo uma área de 357.145.532 km² com uma população de 2.619.657 habitantes em 2014, segundo fontes do IBGE. Está dividido em quatro mesorregiões e onze microrregiões com setenta e nove municípios, sendo sua capital a cidade de Campo Grande. Possui também três municípios com mais de cem mil habitantes: Dourados, Três Lagoas e Corumbá.

A extremidade ocidental do estado é coberta pelo Pantanal, no noroeste tem-se as planícies e o leste é coberto pelos planaltos como as serras escarpadas de Bodoquena. Paraguai, Paraná, Paranaíba, Miranda, Aquidauana, Taquari, Negro, Apa e Correntes são os rios mais importantes que cortam o estado e suas principais atividades econômicas são: a agricultura com o plantio da soja, milho, algodão, arroz, e cana-de-açúcar, a pecuária com a criação de gado bovino, a mineração com a extração do ferro, manganês e calcário e a indústria alimentícia, de cimento, de mineração e de celulose.

O desejo de desmembrar Mato Grosso do Sul de Mato Grosso se iniciou nas primeiras décadas do século XX, com uma revolta que resultou na derrota dos rebeldes. Apesar da grande diferença em termos econômicos e de desenvolvimento, bem como

⁷ Dados obtidos por meio de https://pt.wikipedia.org/wiki/Mato_Grosso_do_Sul.

uma divisão natural do espaço com características geomorfológicas e fitogeográficas próprias, o norte sempre teve resistência à separação por medo de que o estado se esvaziasse economicamente.

O desmembramento ocorreu em 11 de Outubro de 1978, por meio da lei Complementar n. 31, sancionada pelo então presidente da República Ernesto Geisel, e justificada pela grande extensão da área do antigo estado, o que tornava-o de difícil administração.

Seu processo de ocupação somente se consolidou a partir da fundação do forte Coimbra, em 1775, ou seja, tardiamente se comparado com outros estados brasileiros. A pecuária de corte, a navegação fluvial e a construção da ferrovia Noroeste do Brasil contribuíram para atrair migrantes de outras localidades. Desse modo chegaram paulistas, gaúchos, mineiros, nordestinos e paranaenses, principalmente após a guerra do Paraguai, quando houve a reconstrução do estado. Acrescentem-se ainda imigrantes como portugueses, árabes, paraguaios, espanhóis, italianos, libaneses, dentre outros. Não podemos nos esquecer também dos habitantes que já ocupavam as terras locais: os índios, que nos dias atuais ainda são grande parte da população do estado. Dentre as etnias, destaca-se Atikum, Guarani (Kaiowá e Nhandéwa), Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinawa, Ofaié, Terena, Xiquitano⁸. Em função desse caldeirão cultural, marcado pela heterogeneidade étnica, o regionalismo e o bilinguismo da fronteira, que ocorre a formação da identidade sul-matogrossense.

A opção pelas brincadeiras infantis foi pautada na importância que estas possuem na formação cultural e social das pessoas, o que estaria sendo representado pelo léxico. Os brinquedos contribuem para a descrição do folclore de um povo, revelando crenças e tradições. Os dados coletados revelam não somente questões linguísticas, mas também, questões culturais.

⁸ Fundação nacional do Índio 2008.

4 Análise dos dados

Ao se observar os dados lexicais recolhidos pelo projeto ALMS para a lexia *bolita*, QSL 0461 p. 230, pode-se verificar o que poderíamos considerar como sendo a unidade linguística do estado, ou seja, a norma padrão: a lexia *bolita*. Da mesma forma, é possível observar a diversidade linguística de usos presentes no nível fonético-fonológico e semântico-lexical, como também, diferentes perspectivas, isto é, variações diatópicas, diagenéricas e diageracionais. É possível se determinar, tanto pelo inventário léxico como pelas inter-relações semânticas estabelecidas entre as lexias, as escolhas empreendidas por cada falante ou grupo de falantes, o que evidencia influências históricas e culturais que interferem diretamente nesse processo. Isso é possível pelo fato do ALMS poder ser considerado um atlas pluridimensional, possuindo assim, controle de algumas variáveis.

Segundo Ribeiro (2014, p.18) algumas lexias, as quais documentadas pelo projeto ALIB⁹, que ocorreram com uma frequência superior a 90%, são consideradas norma, e que, portanto, para campo semântico “brincadeiras infantis” atesta-se a lexia *gude* ou *bola de gude* como norma para o Brasil. No entanto, ao repararmos a carta do ALMS, nota-se que, para o estado de Mato Grosso do Sul, a norma é a lexia *bolita*, com suas variantes *bulita* e *bolitas*, e não a lexia *bola de gude*, ou suas variantes, *gude* e *bolinha de gude*.

A lexia *bolita* e suas variantes aparecem com uma frequência de 67.19%, sendo, assim, a mais produtiva para o estado. Depois de *bolita*, aparece a lexia *birola* com 8.59%, as lexias *bolinha de gude*, *gude* e *bola de gude* com 8.6%, seguido pelas lexias *biroca*, 2.34 %, *burca*, 2.34%, e de outras lexias de baixa frequência como *bioca*, *bulica*, *buli* e *bolinha de vidro*, todas com 0.78%.

Para o dicionário Aulete digital, *gude* é i) um jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos cavados na terra; ii) bolinha; iii) qualquer jogo que se use bolinhas de vidro. Sua origem seria *gode*, um provincianismo minhoto que tem como sinônimo as lexias *baleba*, *belindre*, *biloca*,

⁹ Atlas Linguístico do Brasil.

bilosca, BIOSCA, biroca, bolita, búraca, búrica, bute, cabiçulinha, firo, peteca, piroasca e ximbra.

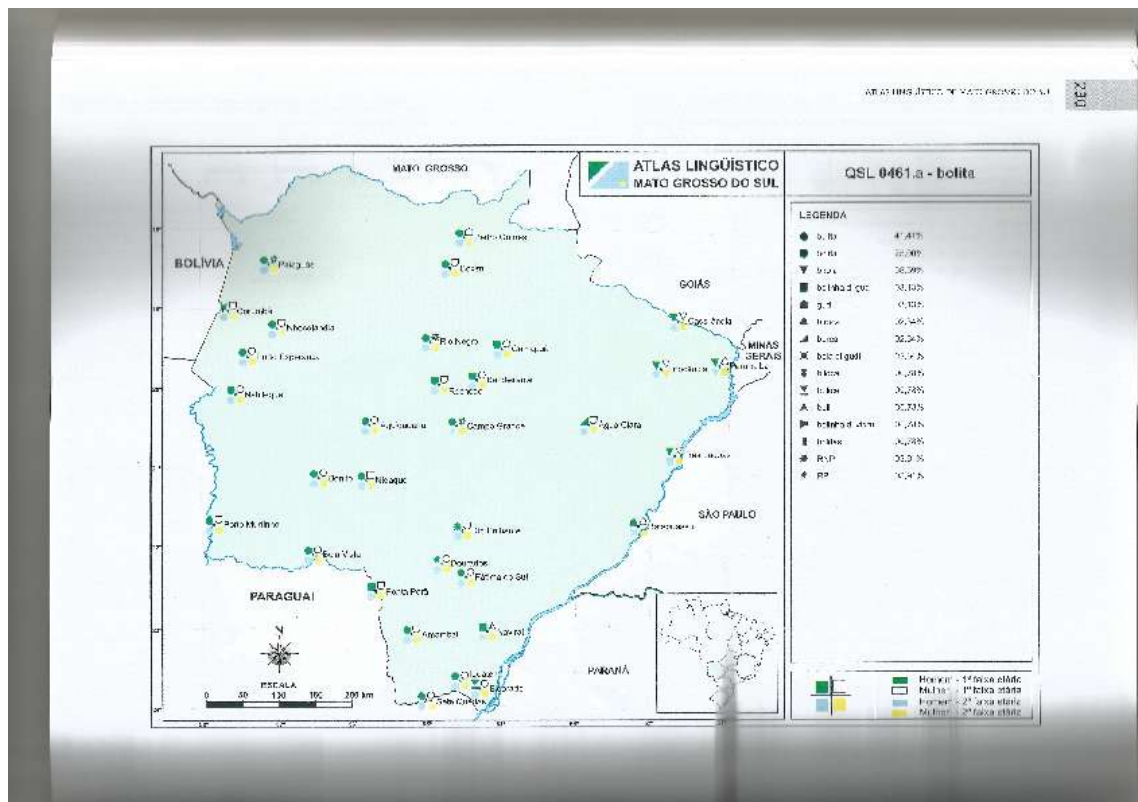
O dicionário Aurélio define *gude* como: jogo infantil cujo fito é fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro.

Com relação à *bolita*, O Aulete a define como sendo o mesmo que *gude* e informa que é um brasileirismo do Rio Grande do Sul e de origem castelhana. O dicionário Aurélio também define *bolita* como o mesmo que *gude*, originária da Espanha platina e também a considera um regionalismo do Rio Grande do Sul.

Quando à *birola*, terceira lexia mais produtiva no estado, não foi possível encontrar definição que seja relacionada ao jogo com bolinhas feitas de vidro. Tanto no Aulete quanto no Aurélio a definição de *birola* é: brasileirismo, fazenda de algodão fabricada na Inglaterra, mas, essa lexia aparece como variante de *gude* e *bolita* em uma grande área do estado do Mato Grosso do Sul. Empreendendo uma busca mais aprofundada, foi encontrada a entrada *birola* no dicionário Houaiss, e mais uma vez, a definição é tecido. Nos dicionários mais antigos como Bluteau e Moraes, assim como em dicionários do Tupi e do Ubuntu, essa lexia não foi encontrada. *Birola*, definida como buraco onde se joga a bolinha de *gude*, somente pode ser encontrada a partir de uma busca na internet, em um site chamado “dicionário informal”, em que as informações contidas são alimentadas pelos próprios usuários, o que comprova o seu uso popular. No entanto, deve-se atentar para o fato de que sua definição diz respeito ao buraco em que a bolinhas são jogadas e não à bolinha em si, o que não impede que esse significado tenha se expandido e que os usuários da língua tenham a ressignificado, utilizando tanto para buraco como também para a bolinha.

Nesse percurso em busca da lexia *birola* nos deparamos com outra variante que aparece na mesma área, e que, no quesito produtividade, é apontada pelo ALMS como a quarta mais produtiva: a lexia *biroca*. Para o Aurélio, *biroca* é o mesmo que *gude*; *BIOSCA*, e a sua definição no Aulete é: de etimologia obscura, significa cada um dos buracos, na terra, onde se tem de acertar as bolinhas de *gude*. É possível notar que essa definição do Aulete coincide com a definição que temos dada pelo dicionário informal, o que nos leva a hipotetizar que, a variedade *birola* pode ter vindo de *biroca* e se

crystalizou na região leste do estado com a alteração de C por L, de *biroca* para *birola*, mas essa é apenas uma hipótese que precisa ser aprofundada.



4.1 Áreas dialetais

Para a análise das áreas dialetais foram confeccionadas quatro cartas de isoléxicas em que a variante diagenérica e diageracional foram isoladas, permitindo, dessa forma, uma melhor observação da variação diatópica. Com o conjunto cartografado apresentado, é possível se ter uma visão diatópica do espaço geográfico da área dialetal da lexia *bolita*.

No que se refere às cartas das áreas dialetais, estas foram confeccionadas a partir de um único mapa, o qual foi tomado por base. Como não se teve acesso a um mapa do estado de Mato Grosso do Sul, em alta resolução, que demonstrasse apenas suas

fronteiras, obtivemo-las utilizando o programa de edição de fotos/imagens Photoshop® CS6 por meio da edição e do redesenho de uma carta digitalizada em 600dpi do ALMS. Desta forma, as fronteiras do estado, bem como a posição geográfica das localidades do inquérito¹⁰, foram obtidas em uma imagem fidedigna e em uma escala que contemplou toda a delimitação fronteiriça do estado, ou seja, o “mapa base”.

Para a construção do mapa base, foi recortada a delimitação das fronteiras do estado na imagem original (carta QSL 0464^a do ALMS), e assim, os traçados foram retocados, redesenhados e, por fim, foram ajustadas as definições de cores, brilho e contraste.



Figura1: imagem original proveniente da digitalização da carta QSL 0464^a do ALMS. O quadriculado corresponde à mesma região, nas figuras 1, 2 e 3.



Figura 2: Mapa Base. O quadriculado corresponde à mesma região, nas figuras 1, 2 e 3.

¹⁰ Do ALMS

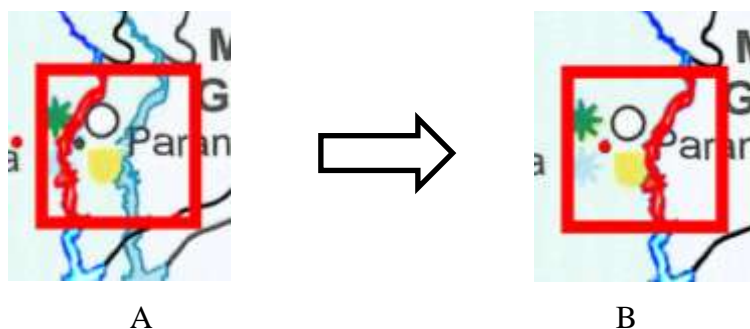


Figura3: Demonstração da acuidade do processo de edição/formatação. Aqui a figura 2 está sobre a figura 1 em close. Em 3A, encontram-se ligeiramente defazadas, para melhor de mostrar a perfeita equivalência em 3B.

Uma vez feito isso, buscou-se no IBGE a área real de cada localidade e, ao invés de representar no mapa as delimitações políticas oficiais já que a língua não obedece a fronteiras, traçou-se uma circunferência, na mesma escala do mapa, cuja área é numericamente igual à área geopolítica das fronteiras de cada município¹¹. Por aproximação, foi tomado que o dialeto da localidade de inquérito correspondia a esta área representada, conforme figura abaixo:



Figura4: Carta Base, em escala, mostrando as áreas dialetais.

¹¹ Paiaçuás, Nhecolândia, Porto Esperança e Nabileque são áreas de Pantanal e pertencem ao município de Corumbá. Por esse motivo, seus dados referentes à área territorial e populacional não aparecem nem no IBGE nem no ALMS, e por esse motivo, suas fronteiras não foram marcadas.

Às regiões geográficas delimitadas por esta circunferência denominou-se áreas dialetais. O ideal seria que, ao invés de a área da circunferência ser numericamente igual à área geopolítica de cada município, ela fosse normalizada com os dados populacionais de cada cidade, então nossa aproximação seria mais precisa. No entanto, não foi possível confeccionar os mapas dessa forma, devido ao fato de envolver não apenas complexos cálculos de várias variáveis que necessitariam, por si só, de um estudo mais atento e a parte, bem como, de uma melhor análise de como representa-lo¹².

Localidades	área do município IBGE km ²	Diâmetro o equivalente km	Raio equivalente reescalonado Escala: 50Km = 0,95cm cm
Água clara	11.010,7	118,4	1,1
Amambai	4.204,6	73,2	0,7
Aquidauana	16.956,9	146,9	1,4
Bandeirante	3.117,5	63,0	0,6
Bataguassu	2.416,4	55,5	0,5
Bela Vista	4.890,5	78,9	0,7
Bonito	4.933,8	79,3	0,8
Casilândia	3.652,6	68,2	0,6
Camapuã	6.221,5	89,0	0,8
Campo Grande	8.093,0	101,5	1,0
Corumbá	64.814,4	287,3	2,7
Coxim	6.406,2	90,3	0,9
Dourados	4.086,6	72,1	0,7

¹² Uma ideia seria, talvez, representar em um diagrama cartesiano ortonormal 3d, em que a carta (e a área geográfica) ficariam no plano XZ, os dados populacionais em Z e a densidade populacional estimada poderia ser representada pelo volume de um cone com estas dimensões.

Eldorado	1.017,8	36,0	0,3
Fátima do Sul	315,1	20,0	0,2
Iguatemi	2.945,5	61,2	0,6
Inocência	5.766,2	85,7	0,8
Nabileque	-	-	-
Naviraí	3.192,8	63,8	0,6
Nhecolândia	-	-	-
Nioaque	3.921,3	70,7	0,7
Paiguás	-	-	-
Paranaíba	5.402,2	82,9	0,8
Pedro Gomes	3.654,6	68,2	0,6
Ponta Porã	5.330,0	82,4	0,8
Porto Esperança	-	-	-
Porto Murinho	17.669,0	150,0	1,4
Rio Brilante	3.987,4	71,3	0,7
Rio Negro	1.805,0	47,9	0,5
Rochedo	1.559,5	44,6	0,4
Sete Quedas	833,7	32,6	0,3
Tres Lagoas	10.209,7	114,0	1,1

Tabela 1: Dados e cálculos para construção das áreas dialetais recolhidos do IBGE.

Pantaneais Sul MTG	Contagem da População - Urbana	185.119
	Contagem da População - Rural	44.620
Centro Norte de MS	Contagem da População - Urbana	850.188
	Contagem da População - Rural	64.423
Leste de MS	Contagem da População - Urbana	286.849
	Contagem da População - Rural	62.877
Sudoeste de MS	Contagem da População - Urbana	593.284
	Contagem da População - Rural	177.914
População total	2.265.274	
População Urbana	1.915.440	84,6%
População rural	349.834	15,4%

Tabela2: Dados demográficos oficiais de Mato Grosso do Sul, oriundos do IBGE, segundo a SEMADE/MS - Secretária de Meio Ambiente e Desenvolvimento. Fonte SEMAC¹³.

Uma vez que os dados foram tabulados, as áreas dialetais de cada localidade de inquérito definidas, seguindo a orientação metodológica do ALMS para representação pluridimensional inspirada em Thun 2010, e as respostas obtidas para carta do ALMS QSL 0461 analisadas, construiu-se a carta geral, como se segue:

Foram consideradas as variantes *bolita* (25%)¹⁴ e suas variações fonéticas: *bulita* (41,41%)⁴ *bulica* (0,78%)⁴ e *bolitas* (0,78%)

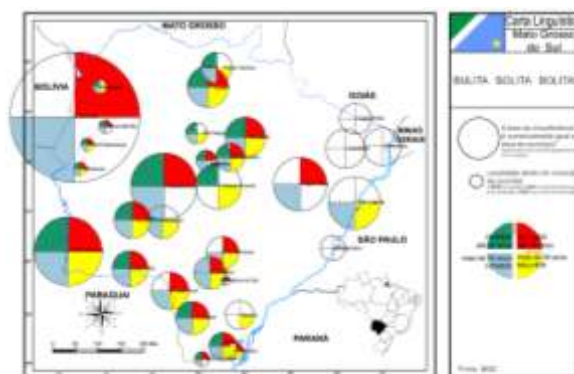


Figura5: Carta geral, usada como ferramenta de construção das isoglossas

¹³ <http://www1.semec.ms.gov.br/bdeweb/>,
http://www1.semec.ms.gov.br/bdeweb/imp.php?page=consulta&action=var_list&busca=Demografia.

Sistema resultante do convênio entre a SEMADE, o Iparde e a Fundação SEADE de São Paulo.

¹⁴ De ocorrência dentre os informantes do ALMS

Esta carta foi construída no programa de edição de fotos/imagens Photoshop® CS6, utilizando uma única camada para cada uma das quatro dimensões dialetais representadas.

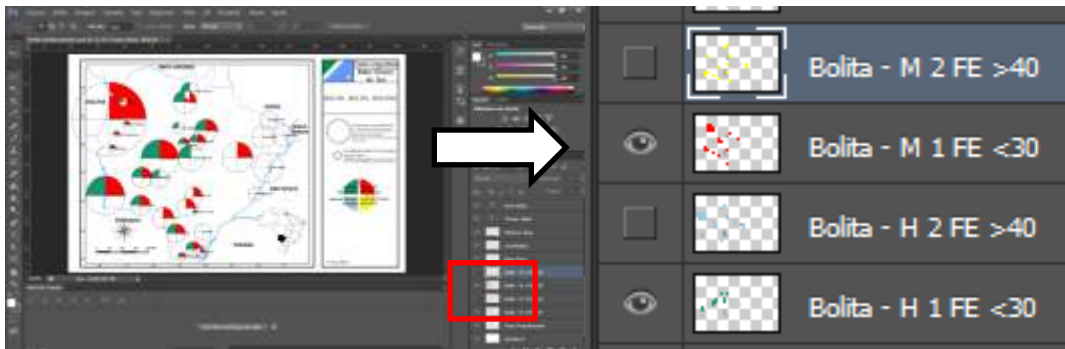


Figura6: Exemplo da área de trabalho do Photoshop® CS6, mostrando as dimensões dialetais em camadas diferentes e a opção mostrar/ocultar camada. Neste caso só estão visíveis o estrato jovem

Desta forma, para desenhar as isoglossas, a partir de uma dimensão dialetal, ou de uma combinação das quatro, primeiro exibiu-se apenas as regiões onde o fenômeno ocorreu, dentro da dimensão considerada.

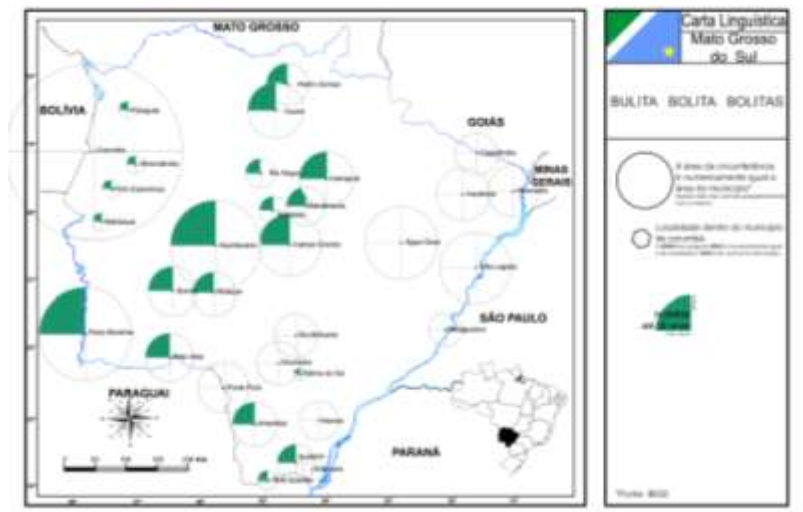


Figura7: Regiões homo dialetais: homens com menos de 30 anos. Exemplo de carta intermediária tomada como base na construção de uma isoglossa.

Em seguida, traçou-se manualmente um demarcador da fronteira da isoglossa (com a ferramenta caneta). Para tanto, considerou-se como fronteira o ponto médio entre cada ponto da circunferência delimitadora da área demarcada de cada localidade onde ocorreu o fenômeno, assim como, cada ponto da circunferência delimitadora da área demarcada da localidade mais próxima onde ocorreu o fenômeno. As áreas dialetais foram, então, pintadas.

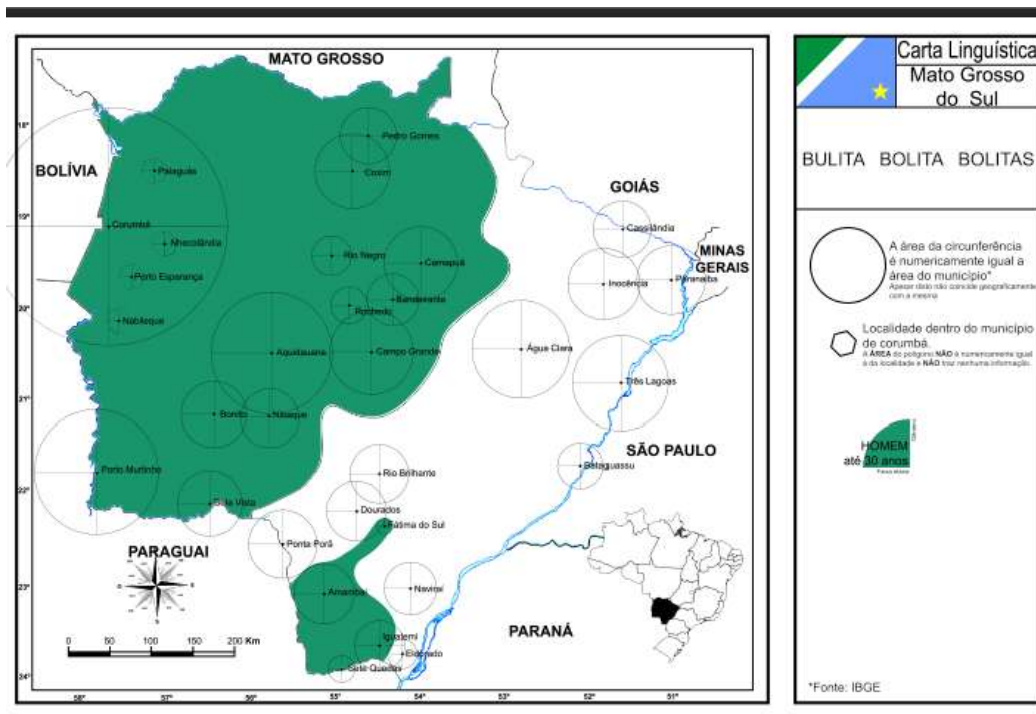
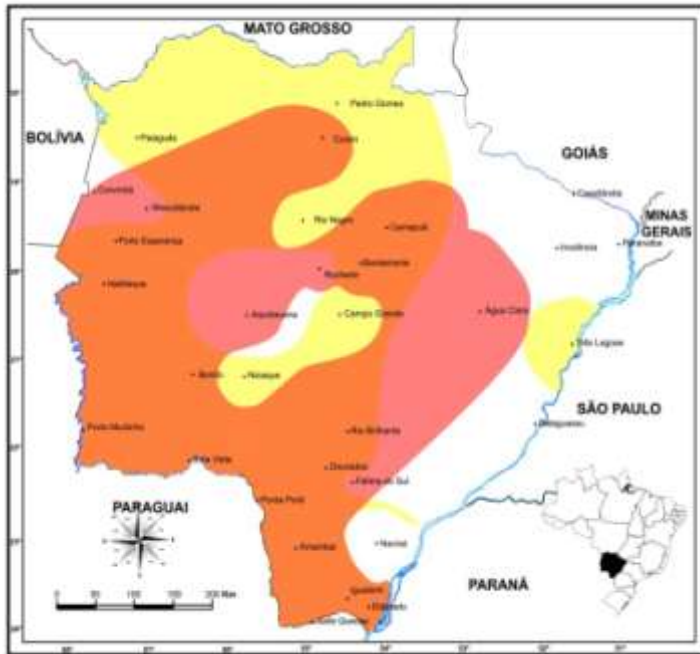


Figura8: Isoglossa desenhada, ainda com as construções geométricas auxiliares.

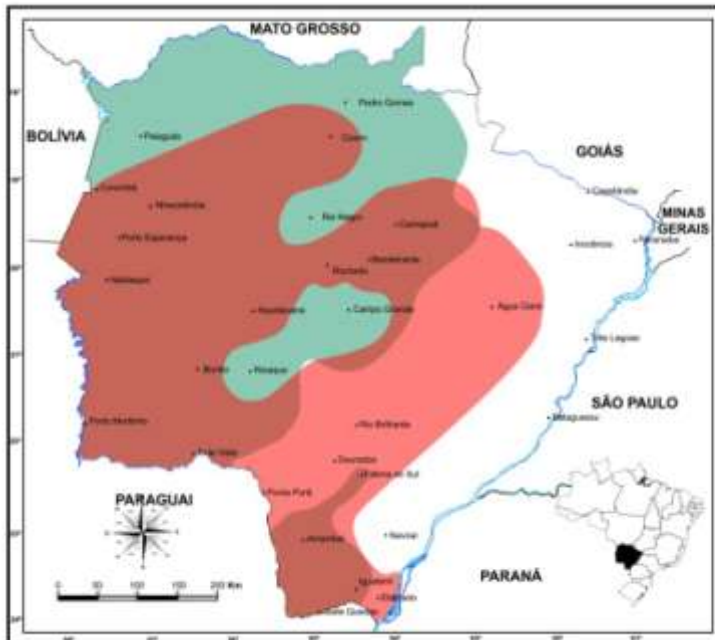
Uma vez construída uma isoglossa para cada variável, ou seja, isoglossas monossexuais e monogeracionais, construiu-se, por sobreposição de camadas (no Photoshop® CS6) isoglossas diassexuais Monogeracionais, Diassexual Diageracional e Monossexual diageracional, com um total de 17 cartas.

Para fins de análise deste artigo, optou-se pelas áreas dialetais das isoglossas monogénérica diageracional e diagenérica monogeracional, a seguir:

4.2 Isoglossa Monogénica e Diageracional.



4.3 Isoglossa diagenérica monogeracional



A observação dos mapas de isoglossas nos permite ver a área referente à *bolita* e a área referente à *birola*, as quais formam duas faixas de isoléxicas que delimitam a área dialetal para essas lexias. É possível observar como a variante *bolita*, mais produtiva no estado, está presente na maior parte do espaço geográfico, ocupando além do centro, as fronteiras com o Paraguai e a Bolívia, bem como a fronteira com o Paraná, enquanto que a variante *birola* ocupa uma parte da região leste, que faz divisa com os estados de Minas Gerais e São Paulo. Pode-se perceber também que a variante *bola de gude*, ou *gude*, aparece em pontos isolados, não constituindo assim um *continuum dialetal*¹⁵, como *bolita* e *birola*. A hipótese para a explicação desse *continuum* pode ser dada pelo fluxo migratório que povoou o estado.

Para Rocha (2008, p.91) “a palavra que se destaca na região sul é *bolita*, bem arealizada, abrangendo a região centro-oeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e oeste do Paraná”. Assim, além da origem espanhola, que poderia ser influenciada pela região de fronteira com Paraguai e Bolívia, tem-se o fato de o estado do Mato Grosso do Sul ter sido colonizado por habitantes da região Sul do Brasil: gaúchos, paranaenses e catarinenses, que, em sua povoação, provavelmente trouxeram consigo *bolita* e a disseminaram nas regiões onde se estabeleceram. Vale ressaltar também o fato da região oeste do Paraná, citada pela pesquisadora como sendo área da *bolita*, fazer divisa com o Mato Grosso do Sul. Portanto, é possível que o caminho feito pela migração tenha sido esse, o que nos mostraria também o caminho percorrido por essa lexia no estado. Aparece nas cidades de Eldorado, Sete Quedas, Iguatemi, Amambai, Naviraí, Ponta Porã, Fátima do Sul, Dourados, Rio Brillhante, Bela Vista, Porto Murtinho, Bonito, Nioaque, Aquidauana, Campo Grande, Rochedo, Bandeirante, Camapuã, Rio Negro, Coxim, Pedro Gomes, Paiaguás, Corumbá, Nhecolândia, Porto Esperança e Nabileque.

¹⁵ Devemos entender que as áreas dialetais não devem ser consideradas como espaços geográficos opostos, separados por uma divisa, mas sim que, as diferenças se dão de forma gradativa, podendo aparecer regiões de transição em que a variantes apareçam sobrepostas. Para mais informações sobre continuum verificar: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; *Dialectology*. Cambridge University Press: New York, 1998.

Em contrapartida, na região oposta, aparece a isoléxica de *birola* em toda a região que faz divisa com os estados de São Paulo e Minas Gerais. É também sabido que além dos colonos oriundos do sul do Brasil, o estado do Mato Grosso do Sul recebeu imigrantes paulistas e mineiros, bem como nortistas e estrangeiros, atraídos principalmente pela fartura de terras despovoadas e pela pecuária. Possivelmente, a lexia *birola* fez o caminho inverso de *bolita*, entrando no estado pela divisa com São Paulo ou Minas Gerais, sendo trazida por um desses colonizadores, ou por ambos, no processo de povoação, tendo se cristalizado nessa região que abrange os municípios de Três Lagoas, Água Clara, Inocência, Paranaíba e Cassilândia, destacando-se ainda a cidade de Bataguassu, em que aparece a lexia *biroca*, já explicitada acima.

Já a lexia *gude* e suas variantes, estão presentes de forma isolada em algumas cidades, espalhadas em diferentes regiões do estado: Bataguassu, Naviraí, Nioaque, Corumbá e Pedro Gomes. Isso pode ser explicado pelo fato de *bolinha de gude* ser considerada norma brasileira, e, possivelmente, o entrevistado teve contato com essa lexia por meio dos meios de comunicação, pelo contato com pessoas de outras regiões, ou ainda, por meio das embalagens do produto industrializado quando efetuam a sua compra em estabelecimentos comerciais.

5 Considerações Finais:

A partir do estudo empreendido, foi possível delimitar áreas dialetais para a lexia *bolita*, que se refere ao campo semântico de “brincadeiras infantis”, coletada pelo ALMS no estado do Mato Grosso do Sul, e mostrar como a língua, que é viva e está em constante mutação, recebe direta influência cultural em sua constituição, o que a faz representar o mundo e seus eventos por meio do léxico. Essa variação lexical se dá em extratos sociais, mas também acontece entre espaços geográficos, o que constitui as áreas dialetais e evidencia a diferença diatópica.

Por meio das variações lexicais, pode-se perceber que, de fato, estudar o léxico de uma região possibilita o entendimento sobre os costumes, a crenças, a formação, a economia, enfim, a cultura que forma a identidade do povo que habita esse determinado



lugar. Além disso, proporciona o resgate histórico, e faz com que se entenda mais profundamente a relação entre sociedade, cultura e língua, tão cara aos estudos linguísticos.

6 Referências

AGUILERA, V. A.; **A Geolinguística no Brasil: estágio atual**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, 2006. Pág. 215-238.

AULETE, F.; VALENTE, A. L. dos S.; **Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa**. Lexicon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em www.auletedigital.com.br.

BRANDÃO, S. F.; **A geografia Linguística no Brasil**. Série Princípios, Ática: São Paulo, 1991.

CARDOSO, S. A.; **A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?**, 1998.

COSERIU, E.; **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio: Presença/Edusp, 1979.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; **Dialectology**. Cambridge University Press: New York, 1998.

FERREIRA, A. B. de H.; **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A.; **A dialetologia no Brasil**. Contexto: São Paulo, 1994.

ISQUERDO, A. N.; CUBA, M. A.; **Vocabulário da Área Semântica do Cavalo na Região Centro-oeste: um estudo com dados geolinguísticos**. Estudos Linguísticos e Literários, n.41, Salvador, Programa de pós-graduação em Língua e Cultura, Programa de pós graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, jan-jun 2010.

OLIVEIRA, D. P. de; **O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**, Signum: Estudos Linguísticos, n. 9/2. Londrina, 2006. P. 169-183.

_____. **ALMS- Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. Ed. UFMS: Campo Grande, 2007.

RIBEIRO, S.S.C.; **Brinquedos e Brincadeiras Infantis na Área do Falar Baiano**. XVI Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL), 2014

ROCHA, P. G.; **O Português de Contato com o Espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais**. Dissertação de mestrado. Universidade de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em linguística: variação, mudança linguística e ensino, Março de 2008.



ROMANO, V. P.; **Balço Crítico da Geolinguística Brasileira é a proposição de uma divisão.** Entretextos, Londrina, v. 13, n. 2, 2013.

SAPIR, E.; **Linguística como ciência, ensaios.** Mattoso Câmara Jr, J. Trad.; Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica do Rio de Janeiro, 1929.

THUN, H.; **La geolinguística como linguística variacional general,** 1998.

____ **Pluridimensional Cartography.** In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, S.; Language and space: Language mapping: an international handbook of linguistic variation. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG: Berlin, 2010.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2016.

Aprovado Para Publicação em 16 de setembro de 2016.